

RESUMOS

Deolinda da Conceição.**No Centenário do seu Nascimento**

Nascida em Julho de 1913, em Macau, Deolinda da Conceição, jornalista e escritora, é autora de *Cheong-Sam. A Cabaia*, obra que reúne contos que retratam a vida das gentes da China e, em especial, de Macau, na primeira metade do século xx. Para além dos contos, escreveu várias crónicas onde nos dá a conhecer uma sociedade na qual a mulher luta pela liberdade, igualdade de oportunidades e pelo seu reconhecimento social.

A sua escrita revela uma busca incessante na tentativa de compreender o papel da mulher, nos mais variados papéis e contextos, e de revelar a situação a que tem sido votada pela sociedade tradicional, fechada, onde a crítica mordaz impera e não deixa florescer os espíritos libertos e criadores.

Deolinda sentiu os olhares maliciosos e a crítica mordaz de uma sociedade que não estava preparada para aceitar uma mulher divorciada, casada em segundas núpcias, uma profissional que ousou quebrar as barreiras e assumir-se como uma mulher moderna. Mulher sensível, traz para a escrita os sentimentos humanos; altruísmo e compaixão pelo Outro mas, também, crueldade e desumanidade cometidas por aqueles que de humano só têm a forma.

[Autora: Maria de Lurdes N. Escalreira, pp. 6-21]

Trauma e Memória nos Contos de Deolinda da Conceição

Em 1956, Deolinda da Conceição, nascida em Macau, publicava o seu primeiro e único livro *Cheong-Sam. A Cabaia*, com contos que dão expressão à traumática ocupação japonesa na China. Se levarmos em conta as dificuldades de se escrever a memória recente da China, tal como aponta a escritora chinesa Xinran nos seus livros, especialmente, em *Testemunhas da China*, se observarmos como o fim da Segunda Guerra Mundial na Europa só nos últimos 20 anos despertou o que Tzvetan Todorov

chama de “ascensão do homem público”, e, ainda, se percebermos as transformações que ocorreram quanto ao papel das mulheres de lá para cá, podemos identificar o quão ímpar e pioneiro terá sido a publicação deste livro. Partindo das considerações da Professora Maria Amélia Dalvi (UFES), proferidas durante o encontro da ABRALIC de 2011, em que sugere que os pólos ficcional e historiográfico, em determinadas narrativas de mulheres, não devem ser vistos como alternativos, mas sim como um *continuum*, aproximado ao de testemunhos, esta comunicação vai buscar caracterizar a representação da vivência/experiência de situações de violência de alguns dos contos do livro da autora, analisando a função da tradição oral nas suas histórias e algumas conexões complexas entre o trauma da invasão japonesa e a forçosa ocidentalização da China.

Uma boa parte dos contos de Deolinda da Conceição descrevem privações várias, fome, canibalismo, ameaças e aniquilamento, mas também mostram acções de solidariedade em situações limite. É Boris Cyrulnik, no seu *Autobiografia de um espantalho*, que nos mostra que o trauma que liquida as relações afectivas impede o ser de estabelecer conexão com o mundo, olhando a realidade a partir de um lugar que não se constitui como espaço de vida. Ao contar essas histórias, a autora dá visibilidade tanto à emergência daquelas existências quanto à capacidade de resiliência num quadro absolutamente desolador. A própria cabaia, título do primeiro conto e do livro, é ícone de um discurso que habilita a voz fantasmagórica de uma mulher assassinada que interroga a sua própria fatalidade. Sobre o horizonte escatológico, estão os processos históricos que formaram a República na China, a segunda guerra mundial e manifestos racismos. Fazer uma análise desses textos, que evidencie os vínculos entre estética, moralidade e história, é o objectivo mais geral deste trabalho.

[Autora: Mónica Simas, pp. 22-29]

O Hotel-Casino Lisboa no Imaginário Literário em Torno de Macau. Diálogos Intertextuais entre a Crónica Literária “Hotel Lisboa”, de Clara Ferreira Alves, e a Escrita de Viagens Anglófona do Século XX

O presente estudo analisa a representação literária do hotel-casino que é, desde 1970, considerado um *ex-libris* de Macau, o Hotel Lisboa, numa crónica de Clara Ferreira Alves publicada no vol. 7 da revista *Camões*, dedicado a Macau. Trata-se de uma descrição literária, como o comprovam a criatividade e a liberdade artísticas que caracterizam o texto de cariz realista. Recorremos ainda a outras descrições e representações do simbólico complexo de edifícios em obras de língua portuguesa e inglesa, com as quais “Hotel Lisboa” estabelece um diálogo intertextual, de forma a contextualizar as imagens do hotel enquanto espaço público de prazer, de fronteira e de passagem. Estudamos assim as estratégias narrativas, os motivos literários e os elementos específicos associados a esse local turístico. [Autor: Rogério Miguel Puga, pp. 30-43]

Ecos do Oriente em “Lapis Lazuli” de W. B. Yeats

“Lapis Lazuli” foi escrito em Julho de 1936, três anos antes da morte de William Butler Yeats, e incluído nos seus *Last Poems* (1936-1939). Relaciona uma peça em lápis-lazúli, datada do período Qianlong (1731-1795) e oferecida a Yeats aquando do seu septuagésimo aniversário, com a convicção de que a tragédia, tanto individual como pública, deve ser enfrentada com coragem e alegria. O fascínio do autor pelo Médio e Extremo Oriente estivera já patente na escolha de Bizâncio como cidade eterna dos eleitos em “Sailing to Byzantium” (1927) e “Byzantium” (1930) e é igualmente visível nestes “*Chinamen*” e no título “Lapis Lazuli”, com suas reminiscências das civilizações egípcia e suméria. Também em “Meditations in Time of Civil War” (1923), Yeats meditara sobre a perenidade da arte e a importância da tradição

RESUMOS

na cultura oriental. Para Yeats, a História seria comparável a uma peça trágica, onde os dramas de personagens como Hamlet, Lear, Ophelia, Cordelia e os sábios chineses são transfigurados em alegria catártica. O mesmo princípio estóico deve reinar na ficção (das peças dramáticas e da peça em lápis-lazúli) e na realidade (a guerra, a vida individual, a vida das civilizações). Com uma alegre impossibilidade, os sábios chineses – personagens paradigmáticas – desafiam a Natureza sempre mutável. Neste poema, Yeats apresenta o artista como um ser que nem ignora o seu mundo nem nele mergulha profundamente, ilustrando assim a contradição basilar entre o homem e o poeta. Como artista, deverá alhear-se da vida e dos seus pormenores transitórios. No entanto, necessita de se alimentar dessa mesma vida, apesar da dimensão eterna e divina da arte, sob pena de o poema se tornar puro e hermético exercício de estética. “Lapis Lazuli” constrói-se assim sobre duas dicotomias basilares: a Vida *versus* a Arte e o Efêmero *versus* o Eterno. [Autor: Clara Sarmento, pp. 44-51]

Pesquisa Textual sobre a Gramática Japonesa Publicada em Macau no Século XVII: Características e Perspectivas Linguísticas da Arte Breve da Lingoa Iapoa

A gramática japonesa *Arte Breve da Lingoa Iapoa* elaborada pelo missionário jesuíta João Rodrigues foi publicada em Macau em 1620. Não se trata de uma mera síntese da anterior *Arte da Lingoa de Iapam*, porque, de muitas formas, foram acrescentados novos conteúdos. Além disso, a *Arte Breve da Lingoa Iapoa* apresenta duas características diferentes. Uma é a independência face à gramática latina, facto que apresenta um novo conhecimento sobre escritos, partículas e conjugação de verbos auxiliares japoneses. A outra característica é a introdução para principiantes, que faz a apresentação do método de ensino do japonês com mais exemplos dados em japonês e a respectiva tradução em português. As perspectivas linguísticas espelhadas na *Arte Breve da Lingoa Iapoa* são influenciadas pela

gramática latina, por um lado, mas, por outro, ilustram igualmente o esforço levado a cabo por João Rodrigues para tentar distanciar-se da influência da linguística europeia. [Autor: Chen Fangze, pp. 52-58]

Chinchéus e Sangleys: Dez Observações sobre a Presença Chinesa em Malaca e Manila (Séculos XVI-XVII)

Dez décadas separam a chegada dos portugueses e dos espanhóis às águas do Sudeste Asiático. Podem ser estabelecidos alguns paralelos entre a conquista de Malaca por Afonso de Albuquerque (1511) e a fixação definitiva de Miguel López de Legazpi em Manila (1571). Um deles foi o reconhecimento da importância das comunidades Hokkien locais como uma forma de abordagem directa à China continental. Os portugueses e os espanhóis seguiram estratégias diferentes, mas nenhum dos dois povos tinha conhecimento de certos aspectos que condicionavam o acesso à China Imperial durante a dinastia Ming, como a proibição de comércio privado e as restrições ao contacto com o exterior. O levantamento parcial da proibição afectou cada cidade de forma diferente: em Malaca, acelerou a diminuição da importância da comunidade chinesa local (designada de *Chinchéus* pelos portugueses), enquanto em Manila teve o efeito oposto. Na verdade, graças ao seu papel de intermediários na linha comercial que ligava a China ao México, os *Sangleys*, pessoas de ascendência chinesa pura, tornaram-se um elemento fulcral para a prosperidade de Manila e uma parte essencial da sociedade colonial filipina. [Autor: Paulo Jorge de Sousa Pinto, pp. 59-69]

A Presença Judaica em Macau, Nagasáqui e Manila no Século XVI: O Caso Ruy Perez

A contribuição dos judeus para a construção da rede comercial que ligava, em pleno século XVI, Lisboa a Nagasáqui e Sevilha a Manila está assente numa Diáspora difícil de entender e avaliar.

No presente artigo iremos apresentar o estudo sobre um indivíduo extraordinário chamado Rui Perez e os seus dois filhos. Esta personagem, uma das mais famosas entre os mercadores de Macau, Nagasáqui e Manila, encaixa perfeitamente no mito do judeu errante, amaldiçoado por Jesus e condenado a vagar pelo mundo eternamente. Através de Perez, estudaremos as comunidades sefarditas em Macau, Nagasáqui e Manila no século XVI. [Autor: Lúcio de Sousa, pp. 70-91]

As Ruas Comerciais no Bairro Estrangeiro em Canton (1760-1843)

As ruas comerciais no bairro estrangeiro em Cantão (bairro dos “Treze Háos” 十三行地区) antes das Guerras do Ópio têm sido objecto de grande interesse e de muitos estudos. Tem havido, no entanto, muita confusão e divergências entre os estudiosos quanto aos seus nomes e quanto aos anos em que foram estabelecidas. Novo dados entretanto surgidos permitem esclarecer estas questões. Anteriormente a 1760, havia apenas uma rua comercial no bairro estrangeiro, a “Rua do Hog”. Neste período inicial do comércio de Cantão outros lojistas estavam fora do bairro estrangeiro, espalhados pelos subúrbios ocidentais em várias ruas diferentes. Em 1760, neste bairro foi criada a “Rua da China” para onde foram obrigados a mudar-se todos os lojistas que vendiam a estrangeiros. Isto, para que as autoridades chinesas os pudessem controlar mais eficazmente. De 1760 até ao grande incêndio de Novembro 1822 (quando o bairro estrangeiro foi totalmente arrasado pelo fogo), a “Rua do Hog” e a “Rua da China” foram as duas principais ruas comerciais. Quando, em 1823, a área foi reconstruída foi aberta uma nova rua, que veio a ser chamada de “Nova Rua da China” (Tongwen Jie 同文街, para os chineses). Ao contrário do que normalmente se pensa, esta terceira rua não existia antes de 1823. Com os novos dados, podemos mostrar claramente quais eram as ruas comerciais anteriores às Guerras do Ópio e quando foram criadas. [Autor: Paul A. Van Dyke, pp. 92-109]

Um Olhar sobre uma Época: Prazeres e Lazeres em Macau nas Primeiras Décadas do Século XX

A sociedade macaense dos finais do século XIX, sofreu os efeitos das inúmeras transformações do período pós revolução industrial, período esse que influenciou de forma marcante as primeiras décadas do século XX, no que se refere ao modo de vida e de relação entre os indivíduos. De entre essas transformações a revolução de costumes, da maneira de viver, de pensar, de sentir e de agir, irá ter reflexos profundos e notórios nas comunidades europeias. Simultaneamente, uma febre de alegria lança-as numa ânsia de ócios e prazeres, como meio de fazer esquecer a permanente inquietação de um futuro que se afigura incerto [Autor: Cândido Azevedo, pp. 110-121]

“Comida a Tinta-da-china”: Saborear Macau através das Caricaturas Aguareladas de A-Cheng

Este artigo tem por objectivo relembrar repastos Macaenses através das caricaturas aguareladas de A-Cheng. O leitor seguirá uma viagem imaginária através de pinturas que retratam a etnopaisagem (Appadurai, 1996) de Macau na sua vida e actividades diárias; uma etnopaisagem caracterizada pela migração transnacional e fluxo de cultura além fronteiras e limites. Os trabalhos aqui apresentados são representativos da cultura macaense e são o resultado de uma conjugação de modernidade e tradição, tanto no estilo como no assunto. De facto, se por um lado, A-Cheng apresenta novos temas experimentando um tópico de certa forma iconograficamente inovador, como a comida, por outro utiliza a arte visual tradicional: pintura e aguarelas. [Autor: Elisabetta Colla, pp. 122-133]

Um Estudo Comparativo do Desenvolvimento de Macau e Malaca Enquanto Portos Portugueses e a Necessidade de Preservação do Património Cultural Marítimo

Este trabalho investiga as origens históricas de Macau e Malaca através da comparação dos méritos relativos destas cidades,

enquanto portos portugueses, para o comércio e desenvolvimento económico entre o Oriente e o Ocidente. São aqui analisados os factores que levaram à suspensão destas duas entidades marítimas que partilham, singularmente, a mesma designação de Sítios de Património Mundial da UNESCO. O estudo divide-se em duas secções. A primeira secção aborda o contexto histórico distinto de Macau e Malaca na Ásia Oriental e no Sudeste Asiático e o seu papel na estratégia marítima da dinastia Ming da China e da dinastia portuguesa de Avis. A segunda centra-se na necessidade actual de preservação e reabilitação da memória e do património marítimo de Macau, tendo como referência modelos de museus marítimos “vivos”. Esta é considerada uma forma directa de estabelecer uma ligação entre a história do passado, a preservação do património e a educação cultural, em especial no que diz respeito às tecnologias inovadoras, estratégias navais e explorações da China e de Portugal. Seguindo o exemplo da réplica do navio de Albuquerque que se encontra ao lado de um museu dedicado a Zheng He, em Malaca, apresenta-se uma proposta de um centro cultural centrado nos estaleiros abandonados da Vila de Coloane em Macau [Autores: Francisco Vizeu Pinheiro, Ian Chaplin, Wu Yao, Zhu Rong, Shen Shiping, pp. 134-150]